

A Identidade Territorial na Fronteira de Santana do Livramento e Riveira

8-Movilidad de la población e identidad cultural

Galli, Gerson¹; Bohusch, Graziela¹; Panitz, Lucas¹

1 - UFRGS.

Palabras Clave: *Fronteira, Identidade, Riveira, Santana do Livramento,*

Introdução :

Com a estabilidade da fronteira política alcançada ao longo do século XX entre Brasil e Uruguai adveio a possibilidade de os estados, tanto o brasileiro como o uruguaio admitirem o trânsito de pessoas, além do de capitais entre as suas faixas fronteiriças. Através do tratado de Assunção em 1991 que criou o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), união aduaneira que prevê uma integração econômica e política além do livre trânsito de pessoas entre os seus estados membros, o deslocamento de pessoas, as condições de trabalho e estada de um cidadão uruguaio no Brasil ou vice-versa ficaram oficialmente facilitadas, permitindo que a integração e relações de troca na região de fronteira sejam acentuadas. A conformação geopolítica mundial atual, de relações comerciais em escala global e a constituição de grandes blocos econômicos como forma de os estados nacionais articularem-se organizadamente perante o mercado global visando um fortalecimento nas relações internacionais veio a favorecer as atividades comerciais nas regiões de fronteira intra-bloco que obtiveram facilidades com a intensificação da integração econômica e de pessoas.

A fronteira entre Santana do Livramento e Riveira é um lugar que apresenta características singulares quanto às relações sociais e culturais, que atrai e concentra populações provenientes do meio rural e também de outros núcleos urbanos em busca de melhores condições de vida e de oportunidades eventuais. É um lugar que beneficia as trocas econômicas pelas vantagens cambiais entre diferentes países e também um lugar que possibilita a interação cultural, onde as questões de identidade e de territorialidade se fazem híbridas no cotidiano local. Lugar singular onde dois estados nacionais historicamente constituídos, se encontram e se limitam.

Na atual economia globalizante as fronteiras cumprem seu papel de formalização da jurisdição territorial dos países, mas também se configuram sobre o aspecto das relações sociais no espaço geográfico como espaços de interação. Há uma descontinuidade político-administrativa bem demarcada, mas uma continuidade espacial também bem definida, onde se desenvolve uma sociedade integrada, em contato dinâmico que não se restringe apenas às relações externas e comerciais, mas também familiares e afetivas. Um espaço onde se confundem povos, com o desenvolvimento de uma identidade regional. (Bentancor, 1994)

O objetivo deste trabalho é buscar compreender como ocorre o processo de integração sócio-espacial na fronteira entre Riveira e Santana do Livramento, por meio da percepção do cotidiano dos uruguaio e brasileiros no que concerne à interação cultural, e analisar como se configura a questão da identidade territorial nacional e regional.

Metodologia:

Primeiramente partiu-se para a observação da paisagem, que possibilitou buscar elementos que pudessem explicitar a impressão da integração sócio-espacial e da interação cultural no espaço. Foram observadas as formas materializadas no espaço e a dinâmica urbana, como a configuração das ruas, tanto no limiar da divisa, quanto mais no interior das cidades, a conformação do trânsito e do fluxo de pessoas, a ocorrência barreiras físicas ou sua ausência na linha de fronteira, os singulares e os predominantes tipos de comércio e a forma de organização político-econômica e histórica do local.

Na segunda etapa adotou-se o método da entrevista aberta não-diretiva, que consiste em uma conversa com o entrevistado, estimulada por perguntas que apenas introduzem o assunto deixando-o livre para explorar a sua memória mais íntima. Sua contribuição é apreender e prestar contas dos sistemas de valores, de normas, de representações e de símbolos próprio a uma cultura. Da transcrição das entrevistas foram selecionadas unidades de significação que possibilitassem uma interpretação das categorias de análise geográfica pré-estabelecidas: Nação e Nacionalidade, Região e Regionalidade, Territorialidade e Identidade.

Conforme Michelat (1982), a informação presente na entrevista, aquela mais fácil de ser acessada, onde o pesquisador obtém respostas diretas do seu entrevistado e esse responde com objetividade é aquela que expõe mais a intencionalidade racional, aquela informação em que o entrevistado atende às expectativas sociais pré-estabelecidas. Essa informação superficial está sujeita a censuras e bloqueios construídos socialmente. Entretanto, ao dar prosseguimento à narrativa, podem ser identificadas na fala do entrevistado unidades de significação naquilo que ele deixa transpassar de sua psique. Essas unidades de significação são o que interessa ao entrevistador e o que vai revelar o que está presente na subjetividade das relações sociais locais, o que é sociológico e cultural.

É importante ressaltar que este método de análise leva em conta as percepções do pesquisador-entrevistador que não é considerado neutro, uma vez que traz consigo já estruturado um conjunto próprio de significações.

As entrevistas foram realizadas por dupla de pesquisadores, que portavam um gravador e uma máquina fotográfica, além de material para anotações que continha escrito o roteiro de perguntas a ser apresentado ao entrevistado como carta de apresentação. Nas duas cidades optou-se por abordar pessoas aleatoriamente que circulassem pelas ruas, em estabelecimentos comerciais ou em suas residências. O breve questionário objetivava introduzir o diálogo para o qual nos apresentávamos como pesquisadores. Em algumas ocasiões este foi dispensável quando o entrevistado se dispunha a contar suas experiências espontaneamente e da sua exposição surgissem outros questionamentos que não estavam previstos no roteiro. Não apenas as respostas do entrevistado eram importantes de serem percebidas, mas também o seu jogo gestual e as emoções expressas em seu semblante. A nossa postura não era apenas de pesquisadores formais, mas de curiosos, de absorvidos pela fala, o que de fato acontece quando temos a sensação de estar adentrando o universo emotivo do entrevistado e percebendo a sua relação topofílica com o lugar, que passa, por este instante, a ser nossa também.

Contribuições Geográficas

As categorias de análise elencadas para o estudo das identidades territoriais buscam contemplar aspectos que desvendem o espaço vivido dos indivíduos no interior do contexto fronteiriço. A permeabilidade entre os dois países faz com que duas dimensões de organização no espaço sejam possíveis, uma oficial, ligada às instituições e à obrigatoriedade de pertencer a um dos dois lados da fronteira e a outra, quase invisível, que está imersa no cotidiano e que passa despercebida pelas pessoas. Portanto, ao falarmos de nação, nacionalidade, região, regionalidade, territorialidade e identidade, perpassamos questões híbridas, dinâmica e mutáveis, o que de fato caracteriza o indivíduo da fronteira, cuja cultura se sobrepõe aos limites institucionais e a diferença de idioma não se constitui em barreira para a interação cultural.

Os conceitos de nação e nacionalidade tornam-se importantes na medida em que, primeiramente, a nacionalidade é um traço identitário, que se faz presente na construção das identidades e, principalmente na fronteira, está constantemente sendo posta à prova, discutida e manipulada pelos indivíduos no desempenho do seu papel social. A nação, por sua vez, é o fator de diluição dos acontecimentos culturais, que consegue manter um limiar de diferenciação entre os dois lados da fronteira, legitimando-a.

Segundo Oliveira (1994), o sentido de fronteira remete à idéia de limite, resultante da afirmação de soberania de um Estado sobre um determinado espaço. Portanto são os limites político-geográficos que conformam os territórios nacionais, dentro dos quais se organizam os diversos aspectos da vida social e do Estado. Por ser um lugar fronteiriço (linha de separação definida), incorpora um caráter contraditório, separando nações e diluindo-as de forma homogênea em uma zona de contato, de permeabilidade e intercâmbios.

Todos os entrevistados, quando questionados, disseram-se portadores de uma nacionalidade oficial, brasileira ou uruguaia. Muito rapidamente responderam a qual pertenciam sem muito refletir. Esta segurança pode ser compreendida como tendo fundamento na expectativa social existente para o seu posicionamento, pois, legalmente, todos têm uma nacionalidade e, portanto devem estar cientes a qual “lado” pertencem. Entretanto foi unânime o discurso de que não se sentiam separados, ressaltavam a liberdade quanto ao trânsito entre as duas cidades e a integração até mesmo nas relações interpessoais, não havendo preconceitos ou restrições de qualquer tipo referente a diferentes nacionalidades.

Contudo também foi unânime o apontamento de ao menos uma situação na qual a diferença de nacionalidade passa a tomar uma dimensão maior, a ter mais importância e ficar marcada. Essa situação se dava quando da realização de uma partida de futebol envolvendo as seleções nacionais dos dois países, perdurando enquanto durasse o evento esportivo ou os comentários e desdobramentos acerca dele, sempre cessando pouco tempo depois. Também quando da disputa de um campeonato mundial de futebol em que os dois países se fazem presentes, foi relatado que durante a realização desses eventos esportivos o nacionalismo de cada pessoa se intensificava e realmente nesses momentos as cidades, que são tidas por todos como sendo uma só, se distanciam e se separam. Duas passagens das nossas entrevistas podem demonstrar essa postura:

“... quando jogam Uruguai e Brasil é lógico que vou torcer pelo Uruguai. Mas me puxa o Brasil também né?” Senhora Elma, e

“A única coisa que separa os uruguaios e os brasileiros é o futebol. Tem que ter até polícia na fronteira.” Senhor Raul.

O posicionamento quanto à nacionalidade pertencente só ocorre quando esta é conclamada, quando não se pode optar pelas duas. Neste aspecto, inclusive famílias que são formadas por brasileiros e uruguaios e pessoas que tenham oficialmente as duas cidadanias têm de se posicionar porque as jocosidades assim exigem.

Por outro lado, ao concordarem em dizer que sentem-se como vivendo em uma cidade só, indo de um lado a outro da fronteira em busca de produtos, serviços ou a trabalho, desconsiderando a passagem de um país a outro, nota-se a formação de uma territorialidade regional. Essa regionalidade é marcada por elementos locais comuns aos dois países e peculiares da fronteira, que ficam impressos na paisagem e têm referencial na memória coletiva da população local. A paisagem que se configura entre os dois países, produto da apropriação física e simbólica do meio, e cuja conformação peculiar das cidades gêmeas traz consigo elementos que possuem significado para a identidade regional é o fator unificador desta população e o que os diferencia do resto do território brasileiro e uruguaio.

Esta interação regional é muito anterior a própria configuração dos Estados-nação e está relacionada ao modelo de ocupação e produção territorial singular. A fixação dos limites territoriais entre o Uruguai e o Brasil no decorrer do século XIX não coincidia com o espaço econômico mais amplo que já se estabelecera. A interação fronteiriça entre os dois estados foi completa até as primeiras décadas do século XX, sem distinção de língua falada. Segundo Souza (1994), Riveira foi fundada em 1863 com o nome de Capitania Departamental de Ceballos que objetivava conter politicamente a fronteira sócio-econômica que se deslocava para o sul do Brasil. Entretanto, passou a ser atrativo foco de comércio e contrabando, vendendo artigos até 50% mais baratos do que os de Sant’Ana.

Ainda conforme Souza (1994) a fronteira é vista não somente como a extensão dos limites, mas como uma área de interação, de interdependência e de complementaridade. A fronteira entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul configurado como o espaço quase sempre preenchido por extensos campos apropriados em sua grande parte por latifúndios e incluindo um sistema urbano fronteiriço constituído de cidades-geminadas cuja base econômica foi sempre a troca assimétrica de bens, serviços e trabalhadores.

Essa porção territorial foi organizada como uma comunidade de mesma atividade produtiva: a pecuária, de criadouros e charquadas, com todo o estilo de vida advindo dessas atividades. Todos ligados por complexas imbricações familiares pelas vinculações comuns de propriedade da terra, pelos mesmos mercados consumidores e frequentemente pela mesma via de abastecimento e escoamento da produção, o porto de Montevidéu.

A cidade-geminada surgiu caracterizada por funções comerciais, trocas decorrentes das estruturas espaciais e econômicas diferentes das duas nações, a fronteira assegurava o trânsito, e a redistribuição de produtos que eram trocados entre Brasil Uruguai e Argentina. No lado uruguaio as cidades se conformaram linearmente em direção à montevidéu seguindo o eixo das vias férreas que chegavam até a fronteira brasileira. Nas cidades fronteiriças do lado brasileiro, a existência dessa linha férrea até o porto de Montevidéu, melhor equipado do que qualquer outro no Rio Grande do Sul à época, possibilitou uma linha de comunicação rápida, barata e segura, permitindo escoamento da produção e a chegada de produtos importados. Aliado ao fato de os produtos rio-grandenses serem mais

bem pagos na capital uruguaia e o tempo de viagem pela via férrea ser de apenas 24 horas em comparação às várias semanas gastas com o transporte até praças no Rio Grande do Sul, a fronteira criou relações econômicas mais fortes com o Uruguai no início do século XX do que com o estado brasileiro.

As cidades se caracterizam como bicéfalas em nível administrativo, mas perfeitamente complementares em nível econômico, o que permite uma interação da população que vive no seu limiar. Atualmente, as cidades são complementares e dependentes mutuamente em vários aspectos, principalmente em serviços e produtos. A aparente escassez de um determinado serviço ou produto em uma das cidades pode significar sua oferta suficiente na outra. Pode-se dizer inclusive que as cidades se especializaram e se setORIZARAM em determinados produtos e serviços, muito em função das peculiaridades econômicas de cada país, fazendo com que uns sejam economicamente mais vantajosos de serem comprados de um lado ou de outro da fronteira. É o que ocorre com os fármacos, que têm melhor preço no território brasileiro e com os produtos eletrônicos e importados de Riveira. Tem-se ainda a situação de tradicionalmente alguns produtos serem considerados de melhor qualidade em uma das duas cidades, como os laticínios em Rivera e as confecções em Santana do Livramento.

“Morar na fronteira tem todas as vantagens, é o melhor lugar do mundo. A gente compra onde convém.” P.

O constante câmbio de pessoas, serviços e produtos faz da fronteira uma região que se caracteriza exatamente pelo fato de ignorar a existência de um limite político, de adotar como idioma cotidiano as duas línguas que são amplamente compreendidas por todos e de possuir hábitos comuns de origem na cultura dos pampas, que é característica tanto do Uruguai quanto do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

Para Bentancor (1994), a experiência da integração cuja origem se encontra no próprio dinamismo das populações, é facilitador da inexistência de barreiras, onde as cidades gêmeas se articulam como uma unidade, o que aparece reforçado pelas vinculações históricas de suas populações e do dialeto portunhol, que pode ser visto como uma manifestação popular que reflete o sentir de duas culturas.

“Isto aqui (Rivera e Santana do Livramento) é que é integração! Isso aqui é um exemplo de integração. É aqui que está a integração.” P.

A característica comum da cultura das duas cidades e sua origem similar que se difunde entre as duas nações fortalece a idéia de uma “região de fronteira”, com identidade regional própria e singular. Das entrevistas podemos destacar passagens em que aflora esta manifestação regional:

“Resolvi ficar por aqui, porque como trabalhava aqui, esperei me aposentar e aqui estou, não tenho saudades porque minhas irmãs moram aí do outro lado. Morar aqui é como morar do outro lado, mesma coisa. Mas tem que retirar documentos no? Carteira de trabalho, carteira de identidade tem que tirar separado.” Senhora Elma.

A passagem reflete que as diferentes jurisdições não são empecilho para a interação, e que apenas geram o inconveniente da burocratização à qual devem se submeter os habitantes.

“Eu não vejo diferença entre os dois lados, moro do lado brasileiro, mas meus avós são uruguaio e estou aqui agora.” J.

“Sobre a cultura gaúcha eu acho que é muito forte, mas para mim é mais festa e comemorações do que o próprio cotidiano. Aqui nós vivemos do campo. Meu pai trabalha no campo e eu me criei em cima do cavalo. Tem muitos gaúchos que só surgem na hora de desfilar. É só a roupa e nada mais. O Uruguai, não! O Uruguai vive da pecuária no seu cotidiano. Nos desfiles de 20 de setembro desfilam uruguaio e brasileiros juntos. Quase a metade é uruguaio.” P.

Esta passagem remonta à caricaturização do gaúcho do Rio Grande do Sul, como figura que permanece mais folclórica do que real. Nosso entrevistado ressalta ainda a propriedade que os uruguaio têm de pertencer a essa cultura gaúcha por esta ainda fazer parte de seu cotidiano atual.

Para Claval (1996) a cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão de uma geração à outra. Ela inclui a imagem do ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas inerentes a ele. No entanto ela não é apenas herança ela comporta elementos novos, é fruto de uma incessante atividade inventiva. A cultura híbrida entre Santana do Livramento e Riveira permite essa reinvenção a todo instante, com mescla das mais variadas contribuições que se sobrepõe para a configuração de um lugar único, que agrega brasileiros e uruguaio, gaúchos.

Se, por um lado, a nação e a nacionalidade mantêm congelados os limites, definem relação com o território jurisdicional e marcam identidades, a territorialidade abre um embate, dilacerando barreiras culturais e políticas e confrontando identidades para o surgimento de uma outra identidade: a do indivíduo territorializado na fronteira Riveira/Santana do Livramento.

Para Mesquita (2004), os conceitos de território e territorialidade são vitais para o entendimento dos conceitos de limite e fronteira, uma vez que o que constitui fundamentalmente a distinção entre territórios soberanos é a territorialidade, que pode ser concebida como o amálgama de impulsos internos e estímulos externos que se expressam pela sociedade e permitem a constituição de sua identidade como produto de uma necessidade de encontrar singularidade. A identidade não é vista como uma oposição indivíduo-sociedade, mas como a incorporação do inconsciente, quase consciente, dos indivíduos e dos grupos que constituem-na. É o reconhecer-se como sujeito e como grupo a partir do contato com o outro nas múltiplas relações. Para esta autora essa relação com o outro é ao mesmo tempo o contraponto e o par que permite a definição da identidade por diferença ou por semelhança. Sendo assim, a territorialidade se constitui na projeção sobre o território dos impulsos internos (poder, posse, liberdade) e externos (seletivamente captados do ambiente) da identidade, da população que o habita e que nele concretiza as suas relações sociais.

Existem muitos símbolos presentes na paisagem que são mencionados, tanto pelos brasileiros quanto pelos uruguaio, como sendo lugares comuns a ambas as nacionalidades,

não entendidas, por eles, como particulares de uma cidade ou de outra. Determinados elementos, lugares ou situações são, na visão da grande maioria dos entrevistados fronteiriços, compreendidos como comuns, compartilhados por todos. Os brasileiros, quando se referem, por exemplo, à rua Sarandi, não mencionam a qual país esta rua pertence, nem mesmo percebem o fato de estarem atravessando uma fronteira entre dois países, ou de estarem se inserindo, teoricamente, em um novo território. Nem o fato de existirem idiomas oficialmente distintos entre os dois países é um impedimento para que haja uma interação entre brasileiros e uruguaios, visto que esses dois idiomas são amplamente dominados pela grande maioria dos que habitam as cidades de Santana do Livramento e Riveira.

“Para mim não existe diferença. Para mim é como se fosse uma coisa só, uma cidade só. O meu dentista fica na Sarandi. O pessoal de lá também vem comprar coisa aqui. Tem coisas que aqui são mais baratas e tem coisas que lá são mais baratas lá”. Eliete.

No que se refere à educação as pessoas que vivem na fronteira e especialmente as famílias que têm seus membros de ambas nacionalidades podem optar pela educação nas escolas uruguaias ou brasileiras. O que se observou nas entrevistas é que os pais preferem matricular seus filhos nas escolas de educação básica uruguaias, mas acreditam que o ensino superior nas universidades públicas brasileiras é a melhor opção, inclusive por melhores possibilidades de inserção no mercado de trabalho brasileiro, que é mais amplo no que se refere às possibilidades de emprego.

“Tenho uma irmã que estuda Medicina em Montevideo. Ela tentou cursar alguma faculdade do Brasil, mas como não conseguiu passar no vestibular, resolveu ir a Montevideo.” José.

“Sou uruguaio. Estudei em Santa Maria. As minhas filhas estudaram lá também. Uma estudou Administração e a outra Comércio Exterior. Minhas filhas trabalham no Rio Grande do Sul. (...) no Brasil tem muito mais diversificação econômica, tem mais oportunidades de emprego, trabalho. A educação superior do Brasil é melhor, mas a escola inicial do Uruguai é melhor. As crianças falam os dois idiomas e te respondem como quiseres, em Português ou em Espanhol(...).” P.

Para Claval (1996), a identidade aparece como uma construção cultural que busca responder a questão interna de cada indivíduo (“quem sou eu?”). Essa pergunta encontra resposta ao se deparar com elementos comuns tanto ao indivíduo como ao grupo, como costumes, gêneros de vida, Estado, cidade e também quanto a concepções de naturezas e universos cosmológicos.

Os traços que caracterizam uma pessoa e são caracterizados por ela são tão numerosos que somente uma parte é considerada para definir a sua identidade, ademais conforme os traços que se agrupam pode-se identificar uma ou outra identidade, ou várias sobrepostas, no tempo, no espaço ou nas ocasiões. Nesses casos o indivíduo pode consciente ou inconscientemente ressaltar ou ocultar certos traços característicos a fim de assumir uma ou outra identidade, mas todas legitimamente suas e compartilhadas com o grupo.

Também pelo fato de haver muitas famílias compostas tanto por brasileiros quanto por uruguaios não se descarta a possibilidade de imperar na fronteira um sentimento de dupla nacionalidade:

“Tenho 17 anos. Sou nascido no Brasil, de mãe brasileira e pai uruguaio, mas moro no Uruguai. Minha família está dividida nos dois países” José.

Para Claval (1996) A identidade é construída a partir do olhar do outro, é por estar confrontando com as forças da alteridade que o indivíduo tem necessidade de identidade.

Horácio veio ao Brasil cursar Psicologia na PUC. Afirma ser totalmente uruguaio: suas preferências de música, língua e futebol condizem com as expressas na sua nacionalidade. Por ter vivido em outros lugares do Brasil, como Porto Alegre, por ter sentido a diferença de experimentar o país longe da fronteira, sua identidade uruguaia pode ter saído reforçada. Isto se verifica na sua postura política frente às diferenças das duas nações quando perguntado sobre o problema do desemprego.

“Tem mais desemprego em livramento. Mas é uma relação; teve um tempo que aqui só fazia pneu para exportar para o Brasil. Tínhamos só um artigo. Vinte, trinta anos pro Brasil só se vendia pneu; de carro, de moto, de trator. Agora mudou. Não tem mais. É uma coisa circunstancial; estamos empobrecidos agora. A saúde aqui é um pouco menos ruim que no Brasil, vem brasileiro se tratar aqui, vem pro Uruguai, e é tudo gratuito” Horácio

Neste caso, como em muitos outros, a identidade pode ser tanto brasileira como uruguaia, dependendo das circunstâncias em que o indivíduo se encontra. Passa a ser muito mais uma opção pessoal e construção definida pela sua história familiar e vivências.

“Eu me sinto uruguaia. Aí (sentimento) é a parte que não deixo de ser uruguaia (...). Resolvi ficar aqui porque trabalhava aqui(...); Eu, antes, sempre viajava, mas depois que deixei de trabalhar...A aposentadoria daqui (Brasil) é muito baixa e a de lá (Uruguai) é mais ou menos , acompanha mais ou menos a inflação.” Sr. Elma

Percebemos que o discurso uruguaio pauta muito pela reflexão de uma sociedade de garantias básicas mais plenas, como educação saúde e segurança. Sua interação com o lado brasileiro se concentra nas oportunidades, diversão e nas relações pessoais.

A própria linha de fronteira é um elemento de concentração de pessoas, uma característica marcante para as duas cidades. Uma linha que separa politicamente os dois países, mas que, no contexto local une brasileiros e uruguaios nas festividades. Claramente percebemos uma concentração de atividades próximas à linha de fronteira, principalmente no entorno da praça principal, inaugurada na década de 40 e que proporcionou um deslocamento das atividades econômicas para seu entorno. À noite, as proximidades da praça são ponto de encontro de jovens que se divertem ouvindo músicas brasileiras e uruguaias, apreciando cervejas uruguaias e comendo os famosos chivitos, panchos e chorizos da fronteira.

Uma percepção que tivemos ao analisar as entrevistas e as atitudes e comportamentos dos entrevistados foi de que conscientemente eles discursam sobre a união das duas cidades. Todos eles dizem sentirem-se em uma cidade única, não vêem diferenças

entre circular de um país para o outro, sempre comentam sobre as famílias “misturadas” que possuem e sobre se enxergam como um povo só. Porém quando conversamos mais a fundo, e captando pequenos detalhes nas falas e comentários, percebe-se que eles inconscientemente separam os dois povos, os dois lados da fronteira, nota-se diversas vezes a presença de expressões como “eles”, “desse lado”, “nós”, “do outro lado”, referência às instituições de um país ou de outro. Talvez esse fato se deva a pouca integração efetiva que se tem no âmbito institucional, de estruturas sociais como escolas e postos de saúde e dos serviços. Um bom exemplo são as linhas de ônibus que não são integradas, possuindo cada cidade as suas empresas, responsáveis, cada qual, pelo transporte em seus respectivos países. Também deve ocorrer esse fato devido a questão da nação e nacionalidade, que sempre se faz presente, predominantemente no âmbito legal, freando o impulso de integração da territorialidade regional.

Referências Bibliográficas:

BENTANCOR, Gladys. Mercosur - Adecuación a la integración regional - perspectivas desde um área fronteriza. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero. **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p. 48-50.

CLAVAL, Paul. **O Território na Transição da Pós-Modernidade**. Paris: Géographies et Cultures nº 20, 1996. Tradução e revisão de Inah Vieira Lontra, Márcio de Oliveira, Rogério Haesbaert.

MESQUITA, Zilá. Procura-se o coração dos limites. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero. **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p. 69-73.

MICHLELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THOILLET, M.J.M. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

OLIVEIRA, Naia. Áreas de fronteira na perspectiva da integração latino-americana. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero. **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p. 53-62.

SOUZA, Susana Bleil. A Fronteira do sul: trocas e núcleos urbanos – uma aproximação histórica. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero. **Fronteiras no Mercosul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p. 78-89.